



2

Enquanto escrevia este texto eu me sentia novamente aluna da Universidade. Lembrei da confusão teórica que eu sentia nos primeiros anos da faculdade de Letras, pela urgência de explicar o invisível dos textos. Era preciso conquistar as sequências de palavras, decalcar interpretações possíveis, cobrir-me com todo um aparato de conhecimento dos que vieram antes para legitimar as minhas sensações, dinamizando sentidos, transportando o invisível para um suporte coerente, em que ele pudesse ser mostrado. Quando trabalhamos com literatura, estamos interessados em decifrar, interpretar, coincidir e discutir com alguma leitura. Cada vez mais, a maior parte das leituras que faço saíram de um suporte em papel e tomaram conta do ar, da carne, dos olhos, da respiração. Neste ensaio tento tecer algumas considerações, alguns pontos de partida marcados por experiências sensíveis que tenho através da poesia e de vivências com plantas que sensibilizam os sentidos e recriam as ligações. Entre tais plantas, me refiro aqui sobretudo à combinação entre o cipó de mariri e a folha de chacrona, que produz o chá de nome ayahuasca.

Ao escrever este texto senti que voltava a balbuciar, a costurar remendos e peço as vossas sinceras compreensões de que não falo de um lugar acabado, mas de um lugar por se conhecer. Agradeço a todos presentes por partilharem comigo esta tentativa de audição e agradeço sobretudo à Jamille Pinheiro Dias, por tanta cordialidade e generosidade com os saberes da existência. Como nota introdutória deste texto, quiçá demasiadamente biográfico, gostaria de dizer que tudo que escrevo aqui já escrevi em poemas, e isto não quer dizer que lá algo esteja explicado. A poesia não precisa de se explicar.

Já eu me lembro que andava no primeiro dia da primavera na Av. Paulista. Embora precisasse ir de uma ponta à outra, com horário marcado para chegar, eu andava pela convivência. Era o primeiro dia da primavera e não só o sol e o ar estavam diferentes, como também o meu ânimo. O mesmo movimento do planeta que me deixava mais contente tornava os gestos mais frenéticos do que uns dias antes. Para acalmar a respiração, eu observava cada uma das espécies vegetais cujos nomes na maioria desconheço, embora procure com elas estabelecer comunicação. Ando reparando nas suas diferentes colorações; nos seus diferentes desenhos, alturas e formatos; fico percebendo como cada planta se curva de modo peculiar ao receber lufadas do vento ou da água. Andando eu desviava de quem tentava me entregar folhetos, percebia com tristeza como tem aumentado o número de pessoas pedindo dinheiro na rua e preocupada pensava que, se fosse eleito para prefeito o candidato

¹ Este texto foi apresentado no encontro de 2016 da APSA (American Portuguese Studies Association), que aconteceu em outubro, na Universidade de Stanford.



que acabou por vencer, é provável que tirem os vendedores dali e que fechem a avenida para qualquer espécie de convívio ou manifestação. Tal era a minha agonia, a preocupação da minha consciência enredada em sua humanidade.

Observar as plantas é um modo de aprender a respirar. Na observação cotidiana que tenho feito das plantas, tenho aprendido com elas que a estrutura é solidária ao flexível; que o flexível é saudável ao mutável; e que o estável e o fluente são o mesmo. Onde tem planta tudo descansa. Eu procurava afinar a sensibilidade intensiva em que me encontrava, pois fazia pouco menos de um mês que havia deixado um retiro vegetalista, no qual se fazem tomas de preparados de plantas, com xamãs que trabalham numa tão híbrida quanto rigorosa associação das tradições shipibo-konibo e quéchua-lamista. Este retiro é chamado de dieta, e alguns dos ouvintes provavelmente o conhecem, mas vou relatar um pouco como funciona. Quem está neste retiro fica em isolamento por alguns dias, meses ou anos, ingerindo quantidades elevadas de plantas com fins específicos de cura, conhecimento e transformação. Com as plantas, o volume de sonhos costuma aumentar exponencialmente, são comuns acessos a memórias e emoções antigas, uma vasta produção de insights é vivida. Durante o período de dieta podem ser realizadas cerimônias com ayahuasca, nas quais, num determinado momento, cada um dos pacientes é chamado para ser cantado, quer dizer, essa pessoa senta-se em frente ao xamã e este lhe canta um ícaro, nome dado ao canto ritual de cura do qual falarei adiante. Além da falta de convívio com outras pessoas, retiram-se de perto tudo que tiver cheiro e da alimentação saem as gorduras, os açúcares, o sal e demais temperos alimentares, e durante os dias se comem em pouca quantidade coisas neutras como arroz, aveia e bananas verdes cozidas. As plantas tomadas também alimentam, algumas são psicotrópicas, outras não. Com a retirada dos alimentos estimulantes, os níveis do corpo vão todos para o mais básico possível e o movimento e a força dos gestos adquirem uma velocidade vegetal.

A cobertura vegetal de São Paulo poderia ser quintuplicada e ainda assim haveria mais cheiro de monóxido de carbono do que qualquer vegetação e, no entanto, as plantas crescem nos canteiros, nas esquinas de muro, nas ranhuras do asfalto. Na mesma Av. Paulista convivem a floresta nativa do Trianon, árvores imensas que ornaram entradas de bancos trilionários, musgos e ervas em canteiros, arbustos de arrudas e guinés, às vezes combinadas em vasos com espadas-de-são-jorge, protegendo a entrada de algum estabelecimento. Lembro com isto que muitas das plantas nas cidades brasileiras não são exatamente ornamentais, funcionando como amuletos, filtros, entidades ali plantadas pelo poder que lhes é atribuído. Ou será que falo ainda com palavras distanciadas? A minha ciência torna-se outra, vou trocar a palavra e com isto o ponto de vista, vou me aproximar e dizer: tais plantas lá estão pelo poder que lhes é reconhecido: as espadas-de-são-jorge, associadas no Sudeste ao orixá Ogum, protegem de qualquer violência ou maldade; as arrudas refletem a inveja e todo tipo de energia morta para longe; já as guinés transmutam o que for negativo em positivo, atraindo sorte. São plantas de poder e no Brasil elas estão em todos os lugares. Aliás, recentemente participei de uma conversa no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e percebi na entrada do prédio, do lado esquerdo, um vaso de espadas-de-são-jorge. Esta expressão “plantas de poder” muito me interessa. Por



que o que significa este poder? No caso, tais plantas são instrumentos que funcionam como escudos, armaduras, filtros, nas portas de entrada de algum lugar.

Certa vez, ouvi de uma xamã que o que a consciência da ayahuasca ensina é que está tudo ligado, afinal para as plantas esta percepção é constante. Basta olhá-las ao vento. A este sentimento de religação muitas interpretações vão dar em religiões, mas ando interessada numa forma sutil de receptividade sensível, que é, no fundo, o impossível desconfiar do que é humano no pensamento. Em linhas bem gerais, eu diria que nos usos rituais de plantas de poder encontramos aquilo que Gregory Bateson passou a vida a nomear: que tudo existe em relação. Embora tais plantas sejam preparadas por mãos humanas para suas ingestões, entendo que a toma das plantas não é uma instrumentalização de uma substância exterior que altera o interior, mas uma comunidade molecular entre o corpo que ingere, fuma, aspira, etc. e determinado vegetal. Estabelece-se uma relação de poder mais no sentido de ser uma relação de potência, de extremar sensações, entendimentos, produzir visões, encantamentos, pânicos, trazer à tona emoções, podar ressentimentos... A tudo isto a biologia pode explicar como alterações hormonais, de temperaturas, de zonas cerebrais ativadas, etc. Mas esta via de conhecimento, por mais fundamental que seja, manteria uma certa hierarquia, de que o corpo humano é alterado pela substância que entra nele como um instrumento passivo, um “alterador de consciência” ou, numa formulação um pouco melhor, um “expansor de consciência”. Por esta via, a consciência é humana e ela é alterada ou expandida. O que usos vegetalistas das plantas percebem é um pouco diferente: as plantas não são passivas e, como possuem consciência, estabelecem relações que possibilitam o reconhecimento das ligações entre as coisas, inclusive com os conhecimentos que os vegetais têm. Neste sentido, se trocássemos a expressão “alteradora de consciência” para o plural, substâncias “alteradoras de consciências”, estaríamos talvez mais perto de dar conta desta experiência sem uma hierarquia antropomórfica. “Plantas de poder”, nestes casos, parece significar que as plantas podem coisas diversas além de darem sementes, venenos, oxigênio, sombras e frutos. E o que eu tenho entendido é que são operações de sensibilização dos sentidos, operações que poderíamos chamar de poéticas, que trabalham essas ligações.

A primeira visão que tive ao beber ayahuasca foi me tornar uma planta amazônica. Dez anos atrás, de olhos fechados, os efeitos da ayahuasca subiram e o suave suor que eu emanava era a respiração úmida de uma planta de folha gorda e larga, dessas cheias de líquidos leitosos por dentro, convivendo entre outras plantas na selva. É importante marcar que, numa visão como esta, você não só vê com os olhos, como se sonhasse, como seu corpo inteiro vê, seu corpo inteiro é. A sinestesia é total, a respiração nota o ser vegetal que me tornei, a visão mostra, os músculos são as fibras da planta que sou. Tal dom da metamorfose eu só conhecia semelhança na literatura: se um verso diz, por exemplo, “a planta que sou respira”, quem o escuta, lê ou o escreve respira como planta.

Em “How to read”, vocês devem se lembrar, Ezra Pound diz “great literature is simply language charged with meaning to the utmost possible degree” e este meaning, que traduzo aqui como sentido, entendo ser uma ocupação total, o preenchimento das cargas, dos elos, das potências de sentido, tanto os sentidos



verbais, sintáticos e semânticos, como também os sentidos corpóreos. Não resisto retorcer pela tradução na minha língua, afinal sentido em português carrega também os “five senses” do inglês. Assim, nesta intencional tradução, entendo que a poesia opera os sentidos como se as pontes de sensibilidade do tato, do olfato, da visão, etc. ficassem imediatamente ligadas, dispostas e integradas. É certo que tal integração pode se dar pela via do incômodo, do estranhamento, do deslocamento, ou também da comunhão, da participação, do encadeamento. Com isto me pego pensando em deslocar aquilo que chamam de substâncias “alteradoras de consciência” e propor que também poderiam ser chamadas de substâncias sensibilizadoras de sentidos. E entendo que, se estes relacionamentos com tais substâncias envolvem a presença de seres vegetais, estas experiências relacionais constituem uma aprendizagem, uma reeducação da observação do corpo, do espírito e da consciência, através da sensibilização dos sentidos.

Se entendo que convivências com substâncias vegetais sensibilizadoras de sentidos podem dissolver a normatividade, destruir e reconstruir paredes de consciência, desmontar o que for hábito nas sintaxes, produzindo ligações alternativas, sejam elas verbais, visuais ou de um modo de pensar, creio que esta aventura dos sentidos se aproxima do que disse Rimbaud, que cito na tradução de Leo Gonçalves: “Eu digo que é preciso ser vidente, se fazer vidente. O poeta se faz vidente por um longo, imenso e pensado desregramento de todos os sentidos”. São muito comuns nas tomas da ayahuasca experiências sinestésicas de sobreposição de imagens, de dilatações inesperadas de emoções e sensações, de convivência simultânea com muitos planos do tempo e acho que, sobretudo, a ayahuasca descondiciona o que não é lúcido na lucidez, trazendo sim, iluminações.

5

Talvez não fosse necessário lembrar que as artes podem trazer uma reaprendizagem dos prazeres e dos sentidos, mas considero importante recordar que também a capacidade de apreensão dos sentidos é produzida numa pessoa por um contexto social, cultural, etc., como conta, por exemplo, Rafael José de Menezes Bastos, em seu artigo “Audição do mundo Apùap II”. O antropólogo conta que um indígena mostrou a ele o canto de um peixe dentro de uma lagoa e ele considerou aquilo uma ficção da audição, um lirismo do outro, que lhe respondeu que ele deveria treinar sua audição. Anos mais tarde, passeando numa exposição num museu universitário de biologia, o antropólogo pôde escutar registros de peixes cantando. Eu também seria capaz de precisar de um museu que me mostrasse o canto dos peixes. Será que vamos sempre precisar de museus que legitimem os conhecimentos dos sentidos?

Assim como os que acompanham os shipibo-konibo ou pesquisas dos antropólogos, os xamãs que conheço também relatam que as plantas é que ensinam a cantar, que é através de um aprendizado de convivência com os vegetais que alguém se torna xamã. É através de tomas aprofundadas das plantas que os ícaros (os cantos) são aprendidos, gestados, mediados e criados por uma pessoa. Embora existam, claro, transmissões de conhecimentos entre as pessoas, não é um professor humano que ensina o xamã a cantar, que lhe acentua timbre, vocalização, melodia ou ritmo. O tabaco é um professor, a ayahuasca é uma mestra. E isto me fez pensar nesta curiosa capacidade das plantas, de ensinando a cantar fazerem algo que não são capazes de fazer: cantar. Ou será que são estes ouvidos que são incapazes de ouvir o canto das plantas?



No artigo “Interspecies communication in the Western Amazon: Music as a form of conversation between plants and people”, entre outros assuntos a antropóloga Christina Callicott discute que a bioluminescência vegetal, sendo o meio comunicador das plantas entre si, é visível para a espécie humana através do DMT, princípio ativo elevadíssimo na ayahuasca. Neste sentido, os padrões de visões desenhados, chamados pelos shipibo-konibo de kené, seriam percepções da bioluminescência com que as plantas se comunicam. Callicott afirma também que a convivência continuada com preparados vegetais permitiria ao xamã entrar em contato com a fitosemiose, a semiótica dos vegetais. Assim, entende-se que a ayahuasca na espécie humana trabalha uma conexão ativa com a comunicação que os vegetais estabelecem entre si. O que muito das ciências ecológicas têm demonstrado é que pontos aparentemente misteriosos ou enigmáticos dos conhecimentos dos povos ameríndios são também verificáveis em outras terminologias.

Os cantos dos ícaros são linguagens humanas, encantatórias e ritmadas que, como toda música sagrada, produzem atmosferas cujos sentidos operativos condensam planos intelectuais, emocionais, físicos e espirituais em ondas sônicas que reverberam movimentando e recriando tais atmosferas. Pelo pouco que conheço de traduções do shipibo-konibo, consigo perceber que os versos são operativos como gestos, suas palavras têm força de ação direta, quer dizer, são palavras mágicas pela capacidade de tornarem material algo que é dito. Por exemplo, se o ícaro canta “escudo”, é para que um escudo se forme ao redor de quem é cantado. Vale ressaltar também que os ícaros convocam as plantas pelos seus nomes, fazendo-o de forma tão terna quanto respeitosa, convocando com isto suas consciências, seus espíritos, suas propriedades curativas para alguém.

Muitas vezes me pego a pensar na imagem do jovem T. S. Eliot no seu ensaio sobre a *Tradição e talento individual*. Gosto muito de quando Eliot diz que o espírito do poeta é a placa de platina de uma reação química, que sem a placa de platina entre duas substâncias nada acontece e, com ela lá, há a catálise. Neste sentido, o poeta é um meio, um acesso, uma conexão. Podemos traçar relações com o xamã, que por sua força operativa entre mundos e sensibilidades, sua atualização constante de tradições, também seria a placa de platina, um meio, um acesso. Mas penso que podemos precisar isto mais um pouco. Isto porque não é exatamente o xamã que canta para o paciente. Embora seja isto sim, é um pouco além disto: é através do canto do ícaro, que foi aprendido pelo convívio com as plantas, que as plantas que convivem no corpo-espírito do xamã cantam com ele o vegetal que está no paciente. É nesta interligação de sentidos e comunicações que se faz esta medicina, cuja parte vegetal da ligação é estabelecida pela ayahuasca que sensibiliza os sentidos; e a parte humana, sensibilizada, canta. Se os ícaros funcionam como rede da comunicação entre as espécies, a ayahuasca é um agenciador simbiótico e o xamã que canta um meio, um intermediário. Com isto, não há um sujeito desta relação que não esteja ligado a outro, não há um protagonista, tudo é a placa de platina. Durante um ícaro o xamã é o meio, a planta é o meio, o canto é o meio e o paciente é o meio. É tudo meio, mídia, médium. Interligado.



Se os ícaros funcionam carregados de sentidos, como uma linguagem ritual de acesso, que tem a capacidade não só de curar, de harmonizar os corpos, como de interligar comunicações entre espécies, isto me leva a poeticamente entender que o canto, a mais que ancestral forma poética, é capaz de ser acesso e de criar acessos, por exemplo, entre a língua humana e as consciências vegetais. Eu andava na rua, no primeiro dia da primavera, olhando as plantas dançarem, quando pensei: será que é pela reverberação? Se o canto se propaga por ondas sonoras, se podemos sentir as vibrações dos sons no corpo, será que as plantas podem sentir e reagir ao canto como tão simultaneamente recebem o movimento do vento?

A primeira linha que escrevi para este texto, escrevi no escuro e com ayahuasca no corpo: as visões — não precisaríamos delas se fôssemos capazes de ser vento. Não podendo ser vento, por mais que eu não tenha percebido de início, o meu desejo de vida, lá no fundo, reconheço, é me tornar planta. Ser o lugar nítido que cada planta ocupa, transcender pelo alto, observar a vida com os pássaros voando ao redor, encontrar nutrientes nas raízes. Adoraria.

7



Edições Chão da Feira
Caderno de Leituras n. 57
Imagem capa e Projeto gráfico: Clarice G. Lacerda
Janeiro de 2017

chaodafeira.com

Este Caderno de Leituras foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura. Patrocínio UNA.

Patrocínio



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

1069/2014